

“Vou deixar a política”

Fábio Raunheitti irritou parlamentares com suas evasivas, alegando estar afastado das entidades desde 87, quando tornou-se deputado. Embora suas entidades sejam as maiores beneficiárias de subvenções sociais, Raunheitti negou que tivesse exercido ação para conseguir os recursos. “Não tive influência nenhuma, só o que fazíamos era mandar boletins e recortes de jornais sobre as atividades das instituições controladas pela Sesni”, afirmou.

“Posso garantir que esta entidade existe e funciona”, insistiu Raunheitti. Mas, no imóvel onde ela deveria funcionar, os auditores só encontraram salas vazias. A entidade estaria desativada desde julho. “Tenho absoluta certeza de que esta sociedade funciona, ela poderia estar em reforma quando os auditores foram lá.”

O parlamentar confirmou que desde a década de 70 prestava consultoria jurídica e acompanhava processos, em Brasília, para a Fundação Rosemar Pimentel, de Barra do Pirai (RJ), e a Associação Fluminense de Educação (AFE), de Caxias (RJ). As duas

entidades, como a Sesni, receberam subvenções entre 89 e 92: a AFE, US\$ 4,3 milhões, e a Fundação, US\$ 940 mil. “O que une Raunheitti a estes estabelecimentos são as subvenções”, concluiu Vivaldo Barbosa (PDT-RJ).

O depoente desmentiu afirmação do motorista Eli Leitão à CPI de que João Alves e Raunheitti, em 85, sacaram 300 milhões de cruzeiros no Itaú, depositados em seguida no Agrobanco. “Nunca paguei nada a João Alves.” E informou que conhece Alves desde 84, quando este passou a frequentar em Nova Iguaçu o centro esotérico Universo em Descanto.

Mas negou intimidade com Alves. “Amigo, amigo do peito, ele nunca foi.” Em todo o depoimento, o deputado pediu para enviar esclarecimentos posteriores à Comissão, mas nem assim se explicou. Raunheitti revelou em sua fala inicial, de 50 minutos, que não tinha ilusões. “Sinto que vivemos um momento em que há pressões de todos os lados... Estou disposto até a ser sacrificado, para que com meu sangue seja lavada a honra desta Casa”, disse.